

Luvita Hieroglífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes – <caio.geraldes@usp.br>

Sumário

Introdução	1
0.1 Quem, quando e onde?	1
1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal	3
1.1 Sistema de escrita	3
1.2 Fonologia	3
1.3 Flexão nominal	3
1.4 Leitura: BABYLON 3	4
Vocabulário	7
Glossário	9
Referências	11

Introdução

0.1 Quem, quando e onde?

Luvita denota um povo e uma língua e seus dialetos cuja existência, até o começo do século passado, estava perdida na história.¹ Quando no final do século XIX foram encontrados blocos de pedra no norte da Síria com inscrições em hieroglifos em alto relevo, associaram esta nova língua e o povo que a escreveu com os *hititas*, um povo que até então era lembrado por passagens da bíblia hebraica e alguns documentos recentemente descobertos em assírio. Em 1906, as escavações realizadas em Boğazköy/Boğazkale sob deiração de Hugo Winckler e Theodore Makridi revelaram a cidade de Hattusa, capital do que teria sido depois chamado de Império Hitita, e nela um grande arquivo de documentos em cuneiforme em uma língua até então desconhecida.² Apenas em 1915-17, Bedřich Hrozný conseguiria ao mesmo tempo demonstrar que a língua nesses arquivos e em duas cartas previamente escavadas em Tell el-Amarna (Egito moderno) era uma língua indo-europeia e produzir um esboço gramatical dela, identificando-a como a língua dos hititas. Entre os textos em cuneiforme escavados em Boğazköy entre 1906 e 22 revelaram dentro deles uma outra língua que viria a ser conhecida pelo nome de *luvita*.³

A língua dos hieroglifos das inscrições sírias, no entanto, permaneceu praticamente ilegível desde sua descoberta até a década de 30.⁴ No começo da década de 30, contribuições separadas de Meriggi, Gelb, Forrer, Bossert e Hrozný ofereceram interpretação de diversos logogramas e interpretações ou, ao menos, aproximações para alguns silabogramas, permitindo as primeiras tentativas de interpretação. No começo da década de 40, Güterbock compila selos contendo escrita cuneiforme e hieroglífica e avança na interpretação dos grafemas. Entre 1946 e 1960, Bossert passa a publicar a inscrição bilíngue em hieroglifos e em fenício descoberta por ele e Halet Çambel em Karatepe.

¹ Esta seção está baseada sobretudo em Hawkins (2000a), Melchert (2003) e Hoffner Jr. e Melchert (2008).

² A decifração do cuneiforme nesta altura já estava bastante adiantada, tendo sido iniciada nos primeiros anos do século XIX e relativamente bem estabelecida dentro da primeira metade do século para o persa antigo, acadiano e elamita.

³ Alguns termos soltos dessa língua aparecem marcados com um sinal cuneiforme, 𐀭, chamado pelo nome alemão *Glossenkeil* em meio a textos hititas.

⁴ Alguns sinais tinham sido corretamente interpretados por Sayce entre 1882 e 1884, a saber os logogramas L.17 𐀭 REX e L.228 𐀭 REGIO, respectivamente correspondentes aos cuneiformes 𐀭 LUGAL 'rei' e 𐀭 KUR 'país/território'.

Datas:

1. Imperial: séc. XIII AEC, entre as dinastias de Tudhaliya IV e Suppiliuma II
2. Neo-hitita: *circa* 1100-700 AEC

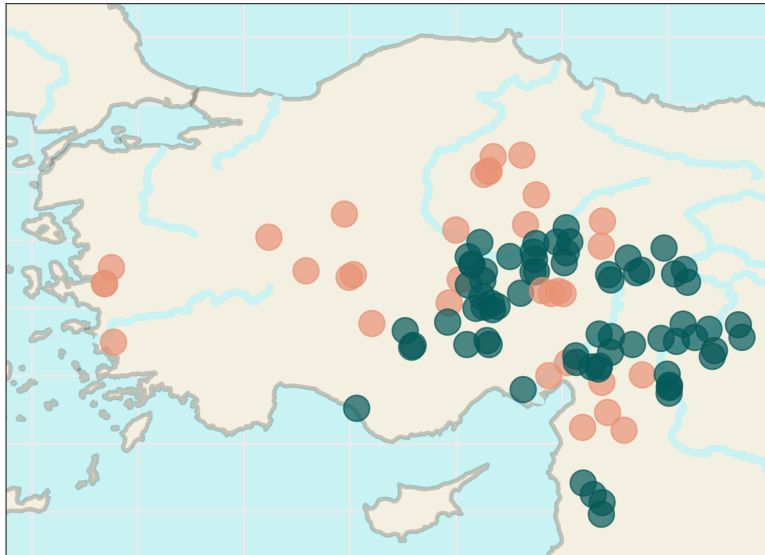


Figura 0.1: Mapa contendo a localização das inscrições monumentais em lu-vita hieroglífico. Os pontos laranjas representam inscrições do período imperial enquanto os verdes, inscrições do período neo-hitita.

1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

1.1 Sistema de escrita

Quisque ullamcorper placerat ipsum. Cras nibh. Morbi vel justo vitae lacus tincidunt ultrices. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. In hac habitasse platea dictumst. Integer tempus convallis augue. Etiam facilisis. Nunc elementum fermentum wisi. Aenean placerat. Ut imperdiet, enim sed gravida sollicitudin, felis odio placerat quam, ac pulvinar elit purus eget enim. Nunc vitae tortor. Proin tempus nibh sit amet nisl. Vivamus quis tortor vitae risus porta vehicula.

1.2 Fonologia

Nulla malesuada porttitor diam. Donec felis erat, congue non, volutpat at, tincidunt tristique, libero. Vivamus viverra fermentum felis. Donec nonummy pellentesque ante. Phasellus adipiscing semper elit. Proin fermentum massa ac quam. Sed diam turpis, molestie vitae, placerat a, molestie nec, leo. Maecenas lacinia. Nam ipsum ligula, eleifend at, accumsan nec, suscipit a, ipsum. Morbi blandit ligula feugiat magna. Nunc eleifend consequat lorem. Sed lacinia nulla vitae enim. Pellentesque tincidunt purus vel magna. Integer non enim. Praesent euismod nunc eu purus. Donec bibendum quam in tellus. Nullam cursus pulvinar lectus. Donec et mi. Nam vulputate metus eu enim. Vestibulum pellentesque felis eu massa.

1.3 Flexão nominal

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean

faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.

1.4 Leitura: BABYLON 3

Trata-se de um vaso em estado fragmentário (quatro pedaços) escavado por Koldewey na década de 20 onde se acredita ser a cidade de Babilônia, sítio arqueológico de Arpada, noroeste de Aleppo (Síria), contendo uma inscrição no beiral em cursivas de baixo relevo, sentido sinistroverso, em duas linhas a serem lidas em conjunto (para cada coluna, lê-se o caractere na primeira linha, em seguida o da segunda linha e assim sucessivamente).

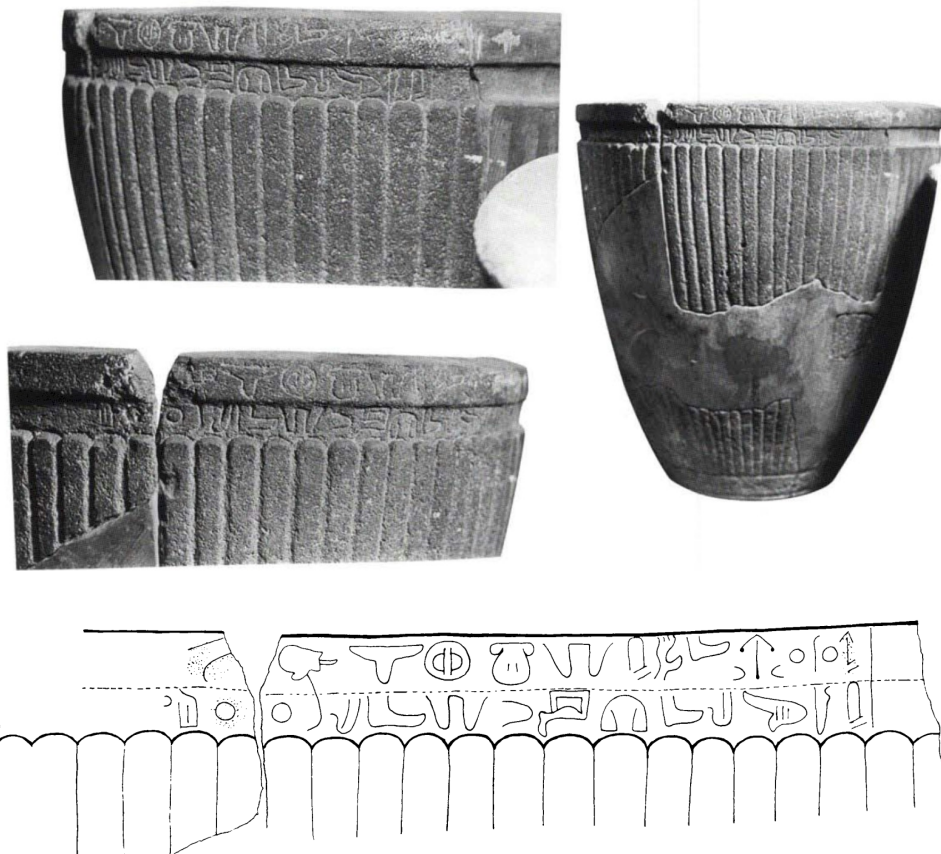




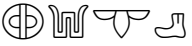

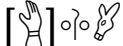


Figura 1.1: Babylon 3. Diâmetro: 0.66m.; Profundidade (interna): 0.67m. Imagens produzidas e traçado feito por [Hawkins \(2000c, plate 212\)](#). Atualmente no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA Bab. 1507.

- (1) a.   
 za-ia-wa/i-a “SCALPRUM”-ka-ti-na CERVUS₂-ti-ia-sa
  
 TONITRUS.HALPA-pa-ni DEUS.TONITRUS-hu-ti PRAE-na

 [PONERE]-wa/i-ta
 zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran tuwa-ta
- b. zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran
 DET.ACU. vasilha.NEUT.ACU. R.COM.NOM. halabeu.DAT. T.DAT. PREP.
 tuwata
 colocar-3SG.
 Esta vaso Runtiyas colocou em frente (=dedicou) ao Tarhuntha hala-beu.

Vocabulário

kati- (subst. NEUT.) vaso, vasilha

Runtiya- (nome próprio. COM.) Runtiya

halpawan- (adj.) proveniente de Halpa; halabeu

Tarhu(n)t- (nome próprio, teônimo) Tarhunta

paran (PREP.) em frente a

tuwa- (v.)

Glossário

Referências

- ADIEGO, I.-X. et al. (Ed.). *Luwic dialects and Anatolian: Inheritance and diffusion*. Barcelona: Universitat de Barcelona Edicions, 2019. (Series Anatolica et Indogermanica, 1).
- BAUER, A. H. *Morphosyntax of the Noun Phrase in Hieroglyphic Luwian*. Leiden: Brill, 2013.
- ÇAMBEL, H. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume II: Karatepe-Aslantaş The Inscriptions: Facsimile Edition*. Berlin: Walter de Gruyter, 1999.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamiş, Tell Ahmar, Maraş, Malatya, Commagene*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 2: Text. Amuq, Aleppo, Hama, Tabal, Assur Letters, Miscellaneous, Seals, Indices*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000c.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: Walter de Gruyter, 2024.
- HOFFNER JR., H. A.; MELCHERT, H. C. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2008. (Languages of The Ancient Near East).
- MELCHERT, H. C. *Cuneiform Luvian Lexicon*. Chapel Hill, N.C., 1993. (Lexica Anatolica, 2).
- MELCHERT, H. C. (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MOUTON, A.; RUTHERFORD, I.; YAKUBOVICH, I. (Ed.). *Luwian Identities*. Leiden: Brill, 2013. (Culture and History of Ancient Near East, 64).
- PAYNE, A. *Hieroglyphic Luwian: An Introduction with Original Texts. 2nd revised edition*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010.
- PAYNE, A. *Iron Age Hieroglyphic Luwian Inscriptions*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.
- STARKE, F. *Die keilschrift-luwischen Texte in Umschrift*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1985. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 30).

- STARKE, F. *Untersuchung zur Stammbildung des keilschrift-luwischen Nomens*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 31).
- VELHARTICKÁ, Š. (Ed.). *Audias fabulas veteres. Anatolian Studies in Honor of Jana Součková-Siegelová*. Leiden: Brill, 2016. (Culture and History of Ancient Near East, 79).
- YAKUBOVICH, I. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.

Esse documento foi diagramado usando o sistema
[LuaTeX](#) mantido por Manuel Pégourié-Gonnard.
Todos os *softwares* utilizados na diagramação deste
document são gratuitos e *open source*.
10 de junho de 2024.